

A mediação que se dá a ver A dimensão técnica nos processos comunicacionais vista pela televisão

Eloísa Joseane da Cunha Klein¹
Frederico de Mello Brandão Tavares²

Resumo

O presente texto busca pensar a questão da técnica como elemento e conceito constituinte da noção de mediação, propondo caracterizar e tensionar questões que lhe são específicas. Para este exercício, partiremos de uma construção conceitual sobre a técnica operacionalizada pela televisão, apontando para as práticas que são engendradas no tensionamento mídia e sociedade. Neste percurso, contemplam-se aspectos operacionais para estudos sobre os meios de comunicação e, principalmente, para estudos comunicacionais sobre os processos midiáticos. Seguindo esta reflexão, atenta-se para uma empiria específica, o chamado “caso Isabella Nardoni”, cuja repercussão na mídia brasileira, mais que apenas apontar para questões éticas e morais, expôs algumas lógicas do funcionamento televisivo e telejornalístico na atualidade.

Palavras-chave

Mediação; técnica; televisão; telejornalismo.

Abstract

This text thinks about the technique as part and as a constituent concept of mediation, proposing characterize and cross some specific issues. For this exercise, we consider a conceptual building about television technique, pointing out to the practices which are in tension when engendered by media and society. In this way, it is covered up some operational aspects that contributes to media studies and particularly to the studies about mediatic communication and its processes. Such reflection is dimensioned by a specific empirical object, the “Isabella Nardoni’s case”, whose impact on the Brazilian media, rather than just pointing out to moral and ethical issues, drew some logical operation of television and telejournalism nowadays.

Keywords

Mediation; technique; television; telejournalism.

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: eloisa_klein@yahoo.com.br.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

Introdução

A midiaticização é um importante ponto de partida para se pensar, hoje, nos estudos em Comunicação Social, como as práticas midiáticas e os fenômenos de mídia se entrelaçam uns aos outros e com a sociedade, apontando para uma relação constituinte de novos processos tanto de interação, quanto de organização social.

Associada a essa idéia, aparece uma perspectiva conceitual que define a midiaticização principalmente de um ponto de vista técnico-material. Uma elaboração que não despreza as conotações culturais e sociais que envolvem o fenômeno – como o faz Thompson (1998) ao explicitar as questões simbólicas envolvidas nesse processo –, mas que tem como eixo norteador uma atenção ao caráter agenciador que os meios assumem, cada dia mais, na vida cotidiana, devido às suas possibilidades e potencialidades tecnológicas. Desse ponto de vista, além de auxiliar na complexificação das relações sociais (modificando suas referências espaço-temporais), os meios de comunicação passam também a constituí-las. Sodré (2006, p. 20), caracteriza o fenômeno da midiaticização como algo da “ordem das mediações socialmente realizadas e caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível denominada *medium*”, um tipo particular de interação, que poderíamos chamar de “tecnomediações”.

Ao pensarem sobre a técnica, mais especificamente a técnica televisiva, Ignacio Ramonet (2002) e Joël de Rosnay (2002) evidenciam algumas idéias em comum: as operações técnicas e suas influências sobre os meios, a relação técnica-sociedade, técnica-sujeitos e a relação técnica-técnica. Para estes autores, a lógica das operações televisivas (categoria ímpar para pensar a questão da técnica a partir dos meios de comunicação), bem como a lógica de suas afetações sociais tornam-se explicitadas e permitem pensar, em geral, a técnica como um “nó” na rede, articulada diariamente pelos processos e práticas midiáticas³. Nessa perspectiva, exatamente por fazer parte de um conjunto de elementos referentes à midiaticização, pensar a técnica neste contexto exige que se atente, concomitantemente, para alguns elementos. No processo aí configurado evidencia-se: a produção e efeitos de sentido, a auto-referencialidade dos meios de comunicação, a relação mediada entre dispositivos e sujeitos, além aspectos culturais, políticos e econômicos.

Tendo como foco a televisão e alguns fenômenos que compõem sua realidade complexa (televisiva e social), trataremos neste texto, de forma conceitual e através de um

³ “Neste contexto, as mídias não só se afetam entre si, se inter-determinando, pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmbito do seu próprio funcionamento” (FAUSTO NETO, 2008: 92).

objeto específico – a cobertura do “caso Isabella Nardoni” –, de aspectos que envolvem fenômenos midiáticos da contemporaneidade. Neste horizonte, apontaremos para o lugar da técnica e como esta permite ver, pelos produtos, os processos de mediação na atualidade.

A mediação como fenômeno e objeto de estudo: um lugar de emergência da técnica

Em termos históricos, associa-se o processo de mediação da sociedade ao avanço tecnológico e a uma penetração em larga escala de meios de comunicação na vida social, alterando as formas de intercâmbio da e na sociedade⁴. Neste contexto, a noção de técnica é, sem dúvida, um dos eixos principais para se dimensionar o conceito de mediação⁵.

Exaustivamente debatido desde a Filosofia grega, a definição e a construção do conceito de “técnica” ainda são cercadas de controvérsias⁶. De qualquer forma, na análise de produtos midiáticos, prioriza-se um olhar sobre a técnica, principalmente, a partir de um duplo significado: como tecnologia e como prática humana.

Nesse sentido, a experiência de vida num mundo “técnico-mediação”, pode-se dizer, repercute na forma de agir socialmente. No contexto contemporâneo de entrelaçamento entre técnica e sujeitos, a mediação altera a ordem do cotidiano, participando da criação de novas formas de interação (os artistas que criam um produto para ser fotografado e posto na internet, os jovens que se relacionam nas *lan houses*, as trocas sobre produtos midiáticos, a interação na rede etc.), novas relações de poder (como aquelas que têm como fim a agenda pública e que se voltam, às vezes, ao planejamento de acontecimentos para serem notícia), novos valores (o de mostrar-se ao outro, por exemplo), novas práticas de cidadania (como as redes de contra-informação criadas para emitir versões não valorizadas na cobertura de um

⁴ “O desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico é produzido e intercambiado no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (THOMPSON, 1998: 19).

⁵ Aliada a ela, outras noções podem ser trazidas como a noção de cultura e a noção de poder. Na primeira, ganha destaque, a partir das idéias de subjetividade e intersubjetividade, a participação e o papel do sujeito nos processos e práticas que envolvem os meios de comunicação. Na segunda, evidencia-se uma associação da mediação às instituições e a grandes setores (política, economia) da sociedade, situando-a, principalmente, num contexto macro-social, mais amplo e complexo.

⁶ “A palavra *técnica* é bastante ambígua, já que pode designar tanto *uma* técnica, isto é, certo modo operatório de realizar determinada ação, quanto *a* técnica, ou seja, a esfera da atividade prática em geral (quer necessite ou não de instrumentos especializados). Nas discussões entre pesquisadores de língua francesa e os de língua inglesa, essa ambigüidade costuma atrapalhar; a palavra ‘técnica’ em inglês tem o primeiro desses dois valores e, além disso, a língua inglesa faz distinção entre *technique* e *technology*; esta última é definida como o conjunto dos materiais e do *know-how* de que se dispõe para determinada ação, e a primeira, como o emprego desses instrumentos e *know-how* na prática. O francês não possui na verdade essa distinção (ainda que, sob a influência do inglês, a palavra francesa *technologie* tende a assumir o sentido de *technology* e a perder seu sentido primeiro de discurso sobre a ‘técnica’); não há de admirar que há tanta conversa de surdos sobre esse ponto” (AUMONT, 2001: 178-179).

caso pela mídia). Em consequência, tem-se a formação de um novo padrão informativo-midiático e de um discurso orientador sobre a atualidade (o agora). Assim, nesse contexto, se por um lado a mídia faz a mediação entre campos sociais, por outro lado os submete ao seu discurso da atualidade e a suas modalidades técnico-discursivas.

Pesquisas que tratam da transformação dos campos sociais – por exemplo, no meio religioso (BEHS, 2009; FAUSTO NETO, 2008) e político (GOMES, 2004) – têm permitido a observação de tais mudanças através de análises minuciosas de como se processam mudanças de grandes dimensões, com pragmáticas marcadas por operações próprias do campo midiático. Ao mesmo tempo, possibilitam refletir, em diversos níveis, sobre como se atualizam e se reconfiguram os padrões de interação na sociedade.

Em âmbitos mais restritos, os usos sociais das tecnologias contribuem para a complexificação do fenômeno da midiática a partir da produção de demandas próprias, com características singulares. Em universos empíricos mais específicos, se destaca a transversalidade das mídias e o uso do repertório midiático na constituição de outros produtos, como o grafite em muros e paredes (SILVEIRA, 2007), assim como as interações sociais possibilitadas pelos blogs (RECUERO, 2008). Estes fenômenos, transformados em objeto de estudo, permitem pensar sobre as interações sociais produzidas ou ressignificadas pela apropriação das tecnologias – e que ao mesmo tempo produzem demandas em torno delas, fazendo movimentar-se o processo de interação midiaticizado. É este tipo de situação que possibilita refletir, como aponta Braga (2007), a ascensão da midiática como um processo interacional que se torna referência dentre os demais.

Ao se referir ao fenômeno da multimídia, Ramonet (2002) afirma que a convergência de mídias tradicionais desenvolve um mundo que é “comunicacionalmente diferente”. As transformações tecnológicas, impulsionadas pelo avanço da digitalização das mídias e da “explosão” da Internet, modifica o mundo e toda uma lógica da “filosofia da representação”. As tecnologias passam a operar sob outras lógicas de produção, afetadas e afetando regimes até então “estabilizados”, de representação do mundo. Envolvidas por questões políticas e culturais, e pela própria globalização, tais modificações passam a dinamizar uma troca acelerada de informações, configurando uma verdadeira “mudança de era”. E para lidar com tais transformações, não bastaria apenas um esforço de adaptação, mas também um esforço de superação e compreensão, a fim de se lidar de forma abrangente e profunda com a “crise de inteligibilidade”, que envolveria esse novo mundo de transformações da técnica sobre a técnica, e da técnica sobre a sociedade. Nesse viés, o autor realiza uma tentativa de aproximação analítica sobre a televisão:

Hasta el momento, cuando alguien se interesaba por el medio televisivo, lo hacía por el contenido de la televisión; era comentar las emisiones, los programas. Hoy nos vemos obligados a reflexionar sobre la televisión como herramienta, como instrumento tecnológico (RAMONET, 2002, p. 7).

A televisão deixa de ser pensada (inclusive por quem a “consume”) apenas pela ótica *do que transmite* e passa a ser encarada pela ótica *do como transmite*. Um movimento de perspectiva que, na verdade, também pode ser transposto para todos os outros meios de comunicação. Não somente devido à convergência *multimedia*/digital, mas também devido à necessidade de se pensar como suas operações são pertinentes (para não usar o termo “determinantes”) para uma análise daquilo que transmitem e das representações que criam sobre o mundo.

Seguindo a perspectiva acima, Joël de Rosnay (2002) ressalta que neste momento de “cambio de era”, há uma nova *mediasfera*, cuja lógica de funcionamento, impulsionada pelas modificações técnicas, não é mais a da substituição e sim a da integração. Através das novas tecnologias e de suas convergências, mudam as técnicas de difusão e navegação (utilização) pelos meios (dos mais “individuais” aos mais “massivos”), o que incide, diretamente, em mudanças na própria vida social (aqui contextualizadas não só do ponto de vista macro – sociedade, cultura, economia, política –, como também micro – o sujeito e suas habilidades com relação às tecnologias e as conseqüências destas para as relações pessoais).

Lidar com esse cenário, portanto, implica no entendimento do que está acontecendo, na experimentação das novas tecnologias – e da ação de aprender com elas, encaixando-as na vida cotidiana, compreendendo seu papel nas interações, modificações e tensionamentos nos campos sociais. Neste contexto de interação e transformação da sociedade, as técnicas e os padrões que servem ao trabalho da mídia “tradicional” também se vêem afetados. Algo que vemos, por exemplo, com frequência, no interior do telejornalismo e de suas manifestações midiáticas.

Em 2008, na observação de um episódio específico na cobertura televisiva brasileira, o “caso Isabella Nardoni”⁷, verificamos uma série de situações cotidianas ligadas à evidência da técnica na “rotina televisiva”. Nesta ocasião, na diversidade que compôs a eminência da técnica no fazer telejornalístico – e sua importância no entendimento do endereçamento deste ao público –, ficou claro que, mesmo difusa, sua presença e seu uso estão incorporados ao cotidiano. E a projeção da técnica, neste exemplo, tem em conta as transformações na forma como o público interage com a mídia, considerando – e muitas vezes reforçando – as

⁷ Este episódio será contemplado e caracterizado na sequência deste texto. Na perspectiva aqui esboçada, vale dizer, menos que realizar um estudo de caso sobre o “caso Isabella Nardoni”, tomamos o mesmo como objeto elucidador e exemplar de referência sobre aspectos da midiaticização a partir da “técnica televisiva”.

competências adquiridas pela experiência midiática cotidiana em suas vidas, permeadas por uma série de expectativas. O que diz de aspectos constituintes – contemporâneos – do circuito comunicativo formado neste contexto.

De um ponto de vista analítico, no que diz respeito às “questões técnicas televisivas”, pode-se dizer que não existem ainda consensos. Não há ainda modelos e regras “fixas” de análise sobre a relação TV e sociedade⁸, mas é possível se traçar certos movimentos teóricos, de convergência e avanço, sobre o pensamento a respeito deste meio e suas operações. E tais movimentos apresentam e incorporam uma série de aspectos que podem ser tomados paradigmaticamente para se pensar a relação entre a técnica e os outros meios de maneira mais ampla.

Pela presença cotidiana da TV, tem-se a impressão de que a entendemos e de que tudo que trata sobre ela é simples e fácil. No entanto, a televisão tem uma dinâmica própria que precisa ser atentamente observada, com o intuito de buscar a compreensão do padrão de suas operações desde a dinâmica do fluxo de imagens, da fragmentação, da temporalidade específica, da superação das barreiras de tempo. Há, ainda, o problema da imbricação tão particular entre informação e entretenimento – que não pode, como salienta Márcia Amaral (2004), ser reduzida a ordem do espetáculo –, e a característica da redução vocabular e a da associação entre imagem, texto e áudio, assinaladas por Guilherme de Rezende (2001). Complexidades que podem ser pensadas e/ou problematizadas a partir da técnica.

Operações técnicas da televisão dadas a ver nos produtos televisivos

No que há de propriamente técnico da TV (num sentido geral da técnica), bem como no que há de específico no televisivo (para pensar questões que lhe são próprias), podemos apontar algumas noções importantes. Seguindo a lógica das operações e das afetações (técnicas e históricas), vemos na televisão uma série de estratégias que passam a marcar os processos e práticas nela envolvidos.

No movimento comparativo para pensar as oposições entre dois “momentos televisivos” (a paleotvê e a neotvê), Eco (1984) ressalta e cria formas de se pensar o que são as operações televisivas e como aquilo que é propriamente televisivo configura a relação da televisão com a realidade, ou seja, a leitura que a primeira faz da segunda. Neste processo, aparece também, como pano de fundo, o telespectador e seu papel na constituição das práticas televisivas. É para ele, e por ele, que uma série de processos da TV se reconfiguram. Mas tal

⁸ Falamos aqui principalmente do campo de análise da produção televisiva.

relação encontra-se implicada na modificação da constituição dos acontecimentos⁹ cotidianos, que ao se adequarem às lógicas televisivas, deixam de ser propriamente eventos reais para tornarem-se eventos caracteristicamente “televisivos”.

Podemos dizer que a virada a que se refere Eco (1984) se dá principalmente no momento em que a TV passa a reconhecer a si própria – suas estratégias e seus mecanismos técnicos – e no momento em que estes, quando desvelados, passam a configurar, ainda mais, dinâmicas de legitimação, reconhecimento e afirmação do “televisivo”¹⁰ pela sociedade. Nesse movimento de auto-referencialidade (com a valoração das operações e a afirmação de uma visibilidade para as mesmas), alguns aspectos valem ser ressaltados. Primeiramente, a mudança dos programas de informação e de entretenimento e a constituição cada vez mais tênue de uma linha separando “realidade” e “ficção”. A TV, na sua corrente de sofisticação, tende a neutralizar cada vez mais essa dicotomia, operando enunciativamente na mistura entre as características (operações) anteriormente próprias a cada um destes gêneros de programa. Para Eco (1984), o movimento de “olhar para a câmera”, serve de exemplo para pensar essa mudança.

Assim, na mistura entre um jornalismo “puramente noticioso” (baseado em preceitos objetivos e realizado por práticas consolidadas) e outras formas de leitura do mundo (como a dramatização e o entretenimento – considerando aí a existência de estratégias de produção de conteúdos e de endereçamentos sociais), é possível dizer que:

[...] já estamos agora diante de programas em que informação e ficção se trançam de modo indissolúvel e não é relevante quanto o público possa distinguir entre notícias “verdadeiras” e invenções fictícias. Mesmo admitindo-se que tenha condições de operar essa distinção, ela perde valor em relação às estratégias que esses programas realizam para sustentar a autenticidade do ato de enunciação (ECO, 1984, p. 191)¹¹.

Outras operações também passam a cumprir esse papel de nova aproximação com o público e de nova leitura do real¹², fazendo valer o “televisivo”. São elas: apresentação (deixar ver) do microfone, da câmera de filmagem, o uso do telefone, o aplauso comandando e estimulado. Além disso, outra operação importante aparece: a encenação. Com o

⁹ Não entraremos neste momento em discussões mais profundas que dizem respeito a esse conceito.

¹⁰ “A característica principal da Neotevê é que ela fala (conforme a Paleotevê fazia ou fingia fazer) sempre menos do mundo exterior. Ela fala de si mesma e do contato que estabelece com o próprio público” (ECO, 1984, p. 182).

¹¹ Sobre uma complexificação mais atual da relação telejornalismo e realidade ver Gomes (2006).

¹² “Estamos nos encaminhando, portanto, para uma situação televisiva em que a relação entre enunciado e fatos se torna cada vez menos relevante no que diz respeito à relação entre verdade do ato de enunciação e experiência receptiva do espectador” (ECO, 1984, p. 191). A fala de Eco nos relembra a questão das habilidades adquiridas sobre a técnica e as operações dos meios, tal qual aponta Rosnay (2002) e que também pode ser encontrada em Carlón (2004) em suas aproximações sobre televisão e a *arché* fotográfica.

reconhecimento e a presença da TV na sociedade, uma alterando as práticas da outra, os eventos deixam de ser propriamente interpretados e passam também a ser encenados ¹³. Passa a existir a partir da interpenetração das práticas televisivas e sociais uma interpenetração da “realidade televisiva” e da “realidade extra-televisiva”.

Eco (1984), recorrendo a alguns apontamentos de Eliseo Verón sobre o acontecimento midiático, considera que os meios de comunicação produzem uma realidade; mediando e criando, a partir de grandes acontecimentos, uma experiência coletiva, uma espécie de realidade compartilhada ¹⁴. Carlón (2004, p. 103) complementa essa idéia:

Tal vez debamos acordar que el advenimiento del dispositivo televisivo fue como la fotografía para el siglo XIX: cambió para siempre el contacto que los hombres mantenemos con los lenguajes verbales, las imágenes y lo real, y llegó a generar acontecimientos – hoy en día habituales [...] .

Ao refletir sobre “o atentado do World Trade Center” em setembro de 2001, transmitido ao vivo pelas principais redes de TV mundiais, o autor também trabalha com a relação ficção e realidade para pensar o acontecimento. Carlón (2004) considera não ser possível separar ou caracterizar a transmissão do “11 de setembro” a partir da dicotomia “construtivista” ou “realista”, mas sim com base no cruzamento das especificidades que marcam suas operações.

A experiência midiática proposta e provocada pela TV a faz diferente dos outros meios (o que não impede, como já dissemos, que se extrapole algumas de suas lógicas operacionais para outros dispositivos midiáticos), trabalhando com uma relação mídia-sujeito que se constrói decisivamente a partir de suas estratégias e operações. Os dispositivos televisivos possuem distintos modos de produção de sentido, o que pode ser pensado principalmente a partir de duas noções: “o dispositivo do gravado” e “o dispositivo do ao vivo” (CARLÓN, 2004).

No caso do telejornalismo, a própria esfera da produção lança as bases para discutir os procedimentos executados pelos jornalistas na construção da reportagem. Em procedimentos rotineiros, são colocados em cena elementos que dão conta da produção do jornalismo na tevê, com graus variados de complexidade, que vão desde uma imagem bruta até um

¹³ Os grandes exemplos analisados por Eco são dois “Royal Wedding”: o casamento do Príncipe Rainier (de Mônaco) com Grace Kelly (evento interpretado) e o matrimônio entre o Príncipe Charles e Diana (evento encenado).

¹⁴ “Pero el discurso de la información fabricado por los nuevos medios encierra peligros cada vez mayores para la construcción de la memoria, que es una de las bases de la historia: ‘Si la prensa es el lugar de una multiplicidad de modos de construcción, la radio sigue el acontecimiento y define el sonido, mientras que la televisión suministra las imágenes que quedarán en la memoria y asegurarán la homogeneización del imaginario social’” (CARLÓN, 2004, p. 143).

comentário espontâneo de um entrevistado sobre os problemas da cobertura de um caso¹⁵. No jornalismo e em outros gêneros de produtos midiáticos, a visualização da técnica ocorre em vários momentos e com dimensões variadas. A seguir, falaremos de um caso exemplar deste processo, protagonizado recentemente pelo (e no) telejornalismo brasileiro.

Operações técnicas telejornalísticas no caso Isabella Nardoni

No ano de 2008, por meio de uma observação sistemática da televisão brasileira feita a partir da cobertura jornalística do chamado “caso Isabella Nardoni”¹⁶, podemos dizer que a dimensão visível da técnica ganhou relevo; tanto no que diz respeito ao desvelamento das condições de produção, quanto aos procedimentos jornalísticos e à discussão crítica da mídia.

O “caso Isabella” iniciou-se em 29 de março de 2008¹⁷. Uma menina de cinco anos morreu após ter sido arremessada pela janela do apartamento do pai e da madrasta, num condomínio de classe média em São Paulo. O drama dos familiares e os primeiros atos de investigação foram filmados por populares e a imprensa deu ampla cobertura ao caso. Cinco dias após a morte da menina, o pai e a madrasta tiveram a prisão temporária decretada, rompida por liminar após oito dias de confinamento. O caso crescia em grandes proporções: Isabella teve suas fotos difundidas em sites, revistas, jornais, programas televisivos. Populares se avolumavam em frente aos prédios dos familiares do pai e da madrasta da menina, previamente apontados como culpados.

Alguns momentos se destacaram. O primeiro deles, a transmissão ao vivo de um fato difícil de ser precisado: o que ocorria enquanto os pais da menina depunham na delegacia de polícia? O segundo momento de destaque foi a reconstituição do crime, amplamente coberta pela mídia (o espaço aéreo foi fechado num raio de 1,5 km para evitar o assédio dos helicópteros da imprensa). Na reconstituição, o momento máximo foi a simulação do arremesso, quando uma boneca com proporções idênticas às da menina foi largada por um dos peritos para fora da janela (a boneca não caiu, pois era sustentada por cordas). O terceiro momento de destaque foi a prisão preventiva do casal, já indiciado e com o processo em andamento na promotoria.

¹⁵ A posta em cena de elementos das técnicas jornalísticas associadas à produção da reportagem em televisão é o eixo estrutural de Profissão Repórter (Rede Globo), o programa destaque em se tratando de auto-referência e potencial exercício de crítica da mídia a partir da televisão, no ar desde 2008.

¹⁶ Síntese obtida por meio da observação de programas telejornalísticos (ou de variedades com presença de jornalistas e ações ligadas à reportagem) durante a cobertura do episódio.

¹⁷ O julgamento do caso ocorreu após dois anos, em março de 2010, com a condenação dos réus.

Durante as semanas em que o telejornalismo brasileiro tratou insistentemente do episódio, para além de questões éticas e morais – predominantes nas discussões a respeito do assunto, dado o caráter do fato e sua repercussão –, a cobertura proporcionou a análise da processualidade do telejornalismo diante de um caso e permitiu, de maneira adicional, a observação das ações de desvelamento da técnica e dos padrões jornalísticos.

Com a análise de dados obtidos por meio da gravação de notícias, reportagens, debates, entrevistas¹⁸, observamos que os movimentos de desvelamento das condições de produção foram impulsionados, neste caso, por fatores específicos e perceptíveis tanto pela análise de produto, quanto pelo contexto configurado por aquela cobertura jornalística. Procedimentos técnicos da gravação e algumas lógicas de apuração, de construção e de exposição dos acontecimentos aparecem quando há a impossibilidade de recortar uma imagem daquilo que se quer mostrar (então se mostra a tentativa de filmar, por exemplo); quando o tempo de duração de uma notícia, entrevista, reportagem é muito longo, ou quando a exibição é imediatamente posterior ao acontecimento, e, por isso, as imagens são exibidas em estado bruto; quando, numa entrada ao vivo, diretamente do local do acontecimento se faz um plano geral, proporcionando que se veja o aparato montado pelas equipes de televisão para acompanhar o caso; quando a cobertura da imprensa é tão ampla que desperta o interesse por ser noticiada. Neste último caso, há um princípio de discussão – no interior dos próprios telejornais – sobre o trabalho da imprensa, acentuado em programas em que há um espaço para a interação entre jornalistas, destes com convidados ou com atores (especialistas ou não) de outros campos sociais distintos.

Neste texto, optamos por selecionar a cobertura realizada nos dias 18 e 22 de abril, que tem como principal abordagem: o interrogatório do “casal Nardoni”, o cancelamento de uma coletiva de imprensa pela polícia e algumas repercussões sobre entrevista realizada com Anna Jatobá e Alexandre Nardoni pelo programa Fantástico, da Rede Globo.

Como a atenção da mídia para o caso Isabella foi imediata, nos momentos clímax, a própria cobertura da mídia se tornou objeto noticiável, tamanha a aglomeração das equipes de televisão, jornais, revistas, rádios, agências, internet. Em alguns momentos, há uma perda da nitidez que, em outras circunstâncias, distingue fontes e trabalhadores da notícia. A TV Record, em seu plantão no dia 18, fez uma reportagem sobre a cobertura que inicia com o comentário do apresentador: “Eu quero que você acompanhe comigo agora como foi o dia,

¹⁸ Procedimentos realizados durante a cobertura e que deram origem a um banco de dados de 35 DVD's, com duração de uma a quatro horas cada um. Este arquivo de vídeos serve de base para a sistematização dos elementos sobre o caso aqui elencados e está composto por programas de reportagem, telejornais e programas de variedades que exibiram material jornalístico sobre o assunto. Todos estes, programas veiculados pelos canais de TV aberta no Brasil.

hoje uma sexta-feira muito importante, **como é que foi o dia de jornalistas**, policiais, curiosos, todos os que estão envolvidos neste caso intrigante”. Entra a notícia:

Na área exclusiva, cada espaço foi disputado no corpo a corpo (repórteres, cinegrafistas e fotógrafos). “Você tem que estar preparado, fisicamente e mentalmente também, acho que é um estresse isso aqui” (cinegrafista entrevistado). Cinegrafistas e fotógrafos em busca das melhores imagens se equilibram nos telhados das casas vizinhas à delegacia e improvisam um lugar para registrar todos os detalhes. “Essa escada, ela deve ter, três, quatro, seis degraus, e eu peguei do pedreiro lá da minha vizinha para poder subir e ficar num ângulo acima do pessoal de tevê, entendeu?” (fotógrafo entrevistado). Repórteres levam a informação ao público em tempo real. ‘Houve um tumulto aqui, o pai está saindo da delegacia, aqui, agora, o seu Antônio’. BOLETIM: São pelo menos duzentos profissionais de comunicação envolvidos na cobertura do caso Isabella só aqui no nono distrito policial. E para garantir que este trabalho seja feito com segurança, a polícia acompanha tudo de perto (mostra policial observando curiosos). Quarenta policiais militares e vinte homens do GOE, o Grupo de Operações Especiais da PM mantém o público distante dos jornalistas e dos suspeitos de matar a menina Isabella. “Tecnicamente, eu tenho que assegurar as pessoas que moram no entorno do distrito, aos trabalhos profissionais, da imprensa e da polícia, entendeu? E a liberdade de ir e vir de todo mundo” Entrevista com Luiz Antônio Pinheiro (supervisor do GOE).

Na RedeTVNews (RedeTV), em 22 de abril, uma notícia trata do cancelamento de uma entrevista coletiva. “**Os jornalistas estavam a postos**, mas na última hora a novidade. A polícia decidiu suspender a divulgação dos laudos do IML e do instituto de criminalística sobre a morte de Isabella” (segue com o motivo). A notícia começou com imagens de cinegrafistas e jornalistas numa sala, na delegacia, exprimidos para uma entrevista. As imagens mostram jornalistas ajeitando microfones das diversas redes, posicionando gravadores, sentados com bloquinhos e canetas a punho.

A Band também dá destaque ao fato, no Jornal da Noite, ainda em 22 de abril.

A expectativa pela entrevista era grande (imagem de dezenas de jornalistas em frente à porta com o letreiro: Decap), tudo estava preparado para o anúncio da conclusão do caso (imagem das câmeras das emissoras de tevê e de jornalistas amontoados numa sala), mas no horário marcado para começar, a coletiva foi cancelada. A polícia recuou para evitar um confronto com a defesa do casal que normalmente só acontece na esfera judicial (imagens de câmeras buscando foco, máquinas fotográficas, pessoas nos corredores). A cúpula da segurança pública de São Paulo desistiu de divulgar o resultado da investigação e dos laudos policiais e tentou explicar a trapalhada na mudança de planos (novas imagens da coletiva cancelada e da entrevista aos jornalistas).

Percebe-se que o trabalho dos jornalistas é visto associadamente ao trabalho das outras pessoas que acompanhavam o caso. As características do trabalho dos jornalistas são dadas a ver com naturalidade, sem que haja comentários adicionais. Parece óbvio que quem assiste

conhece minimamente os equipamentos utilizados, tem domínios sobre a relação entre jornalistas e fontes (o que faz com que não se diferencie textualmente entrevista de coletiva, por exemplo).

Num segundo momento, a cobertura sobre a ação da mídia torna-se auto-interpretativa, e as notícias, entrevistas e debates discutem criticamente os procedimentos, as escolhas, o tratamento dado ao caso Isabella.

No SBT Brasil do dia 18 de abril, a abordagem foi crítica:

Parecia um espetáculo (imagens das equipes de tevê). O melhor lugar era de quem estava sempre nas alturas, trabalhando (equipes de tevê), espiando pela janela, ou na laje, que aqui virou camarote, ao preço de R\$ 700,00. E fonte de renda para a dona do salão, que hoje deixou de ser de beleza. “Tô alugando minha sacada e minha laje. Foi uma forma que encontrei para minimizar o prejuízo” (dona do salão). Dois banheiros foram instalados na rua. A imprensa ganhou uma tenda. Mas nos bastidores, o custo da operação não foi divulgado pela secretaria de segurança pública.

É uma das poucas notícias que fala sobre os investimentos em dinheiro para a cobertura do caso. E, de forma interessante, analisa como isso ocorre tanto da parte da mídia, que teve que alugar espaços para poder filmar, como da parte de quem alugou estes espaços estratégicos, deixando, ainda, uma interrogação sobre o gasto do executivo estadual para montar uma estrutura que pudesse atender a imprensa e conter o avanço dos curiosos.

No Rio Grande no Ar (TV Record – RS), em 22 de abril, o jornalista entrevista o presidente da associação de delegados. O policial fala sobre a publicidade do caso, como isso interfere no trabalho da polícia, como, paradoxalmente, a excessiva visibilidade motiva um rigor na busca de vestígios do crime, além de entrar na complexa relação entre sigilo e visibilidade.

Num caso dessa natureza, cercado de toda a publicidade, a autoridade policial muitas vezes tem dificuldade de levar o trabalho adiante. Na minha opinião, aqui à distância, tem que tomar todo o cuidado para dar opinião sobre o trabalho dos colegas de São Paulo. Mas me parece que houve uma pequena falha no início. [...] Talvez essa falha tenha sido suprida, porque, pelo que se acompanha pela imprensa, o trabalho acabou sendo feito. [...] É um caso cercado de publicidade, e é natural que seja assim, então, acaba dificultando o trabalho da polícia. E é evidente, também, que a polícia tem que ter todo o cuidado, para, de um lado, não cercear o trabalho da imprensa e, de outro lado, impedir que este trabalho venha, ao final, prejudicar as investigações. [...] Me parece que o prudente, mesmo, seria aguardar o final das investigações para tirar uma conclusão. Neste caso, parece que, ao que tudo indica, que este casal realmente é responsável por esta morte horrível, mas o mais prudente seria aguardar o final das investigações para só então divulgar o resultado do laudo pericial.

Os pontos levantados refletem sobre o impacto da cobertura nas operações policiais (a visibilidade “acaba dificultando o trabalho da polícia”), sobre a conduta da imprensa (“me parece que o prudente, mesmo, seria aguardar o final das investigações para tirar uma conclusão”) e da polícia em relação à mídia (cuidar para “não cercear o trabalho da imprensa” e cuidar para que este trabalho não prejudique as investigações). A tensão evidenciada entre os interesses destes dois campos é, como lembra Braga (2006, p. 55), um componente crucial do debate em torno da mídia, quando possibilitada a “autonomia de posicionamentos minimamente requerida para determinar negociações de sentido”.

O Brasil Urgente (TV Bandeirantes), também em 22 de abril, divulgou a íntegra da entrevista com o delegado Aldo (uma coletiva improvisada que comunicava a suspensão de outra, que foi reproduzida em vários canais, porém com cortes). Neste programa, não são cortados nem os momentos em que o delegado não está falando e há certos burburinhos incompreensíveis entre os jornalistas. A exibição é em meia tela, na outra metade, aparece José Luiz Datena, o apresentador, que vez ou outra se “intromete” no assunto. Trecho da entrevista:

O que nós temos que colocar para vocês, e até pedir desculpas, é que há um momento no inquérito policial em que a liberdade de imprensa, de informar, ela confronta com o interesse público, com o interesse da investigação. **Então, eu acho que o interesse primordial é o interesse público, é a conclusão das investigações de forma acertada**. Então, nós não podemos sobrepor o interesse da imprensa, legítimo, de informar, ao interesse público de elucidarmos o caso. Então, nós optamos por essa medida acertada (referindo-se ao cancelamento da entrevista coletiva na qual seriam divulgados os dados do inquérito antes mesmo deste ser entregue à promotoria).

Além das críticas à divulgação de informações desencontradas, feitas de um telejornal para outro, sem indicação de nomes, a entrevista concedida por Anna Jatobá e Alexandre Nardoni ao Fantástico, da Rede Globo, no domingo seguinte ao episódio, foi tematizada por todas as outras emissoras.

No Jornal do SBT, em 22 de abril, o jornalista-âncora Carlos Nascimento discute a entrevista. Ele conversa com o repórter Flávio Diamante (que é tratado como perito, uma vez que é chamado para tentar ajudar a desvendar o caso) sobre o júri: “Uma entrevista dessas, nesse momento, só se justifica sob dois aspectos. Primeiro, um protesto veemente de defesa do casal que se sente injustiçado diante da opinião pública e em segundo lugar uma farsa montada desde já para convencer os jurados, que este assunto certamente irá a júri”. Flávio: “Certamente, Nascimento, tanto a polícia como o ministério público já tem indícios

suficientes para que o processo seja aberto. E por se tratar de um crime contra a vida ele deve ser levado a júri popular”.

O diálogo prossegue, e Carlos Nascimento se preocupa com a utilização da entrevista como peça de defesa: “o fato é claro. Desde já, os futuros jurados, com essa entrevista, com outros fatos, já estão sendo convencidos ou da culpa ou da inocência do casal, não é?”. Flávio: “Exatamente, as sete pessoas que vão compor o júri, já estão assistindo a tudo, talvez por isso que uma defesa pública e um choro bem colocado façam tanta diferença nesse momento”. Aqui, além de atuar como perito sobre o caso, o repórter atua como uma espécie de perito em midiatização, uma vez que analisa os impactos da experiência do desenrolar de um caso no campo midiático no desenvolvimento das atividades dos agentes que atuam em outros campos.

Na RedeTV (programa “A Tarde é Sua”), em 22 de abril, o repórter Edi Pólo comentou sobre a divulgação da entrevista.

Na verdade Olga, *em off* [mas em transmissão ao vivo!], todo mundo ficou revoltado, especialistas, principalmente da polícia, dizem que foi uma armação, que foi muito bem orientada aquela entrevista, que o pessoal realmente só respondeu o que queria, que o repórter não foi incisivo em fazer perguntas, que tudo indica que houve um acordo para se apresentar aquela entrevista daquele jeito da defesa do casal, a polícia acredita que realmente aquilo foi feito para comover a opinião pública, para dizer que o casal não era culpado. Agora, ronda aqui, conversando com investigadores, mas nada confirmado.

Nestes trechos, o questionamento se volta tanto ao jornalismo como à tentativa de usar os recursos da televisão em prol da defesa. No primeiro caso, questiona-se sobre a realização da entrevista, as perguntas feitas, o pressuposto acordo prévio com a defesa. No segundo caso, questiona-se tanto o acesso (e nisto, a relação com o jornalismo), como a própria postura dos entrevistados – considerando o fato óbvio de estarem diante das câmeras, produzindo uma fala para a televisão. Aí surgem debates interessantes sobre a diferença entre o ambiente dentro e fora do estúdio, a audiência da televisão, o contato de futuros jurados com dados recortados pela televisão.

Considerações gerais a partir do caso

Neste contexto empírico (tanto nos exemplos apresentados, quanto em várias passagens do material coletado), verificamos uma série de situações cotidianas ligadas à técnica e aos procedimentos jornalísticos, reunidos em três grandes grupos: visualização de equipamentos, do contexto de gravação e da ação dos jornalistas. Quanto ao primeiro grupo,

ficou evidente, durante a cobertura do “caso Isabella”, uma prática constante de mostrar a utilização de equipamentos básicos (microfone, refletores, holofotes, tripés e câmeras; os demais equipamentos não são mostrados, em geral); preparação do set de gravação ou de filmagem de entradas ao vivo, com ajuste de microfone, ajuste de roupa, de cabelo. Há explicitação de modelos de edição, como abertura e fechamento de zoom, cortes de câmera (explicitados ou não), muitas vezes indicados pelos profissionais que narram as situações televisionadas.

Complementarmente, em um segundo grupo, ficou evidente a valorização das visualizações sobre o contexto em que se fazem as reportagens e notícias: sistema de gravação (cinegrafista filma, há operadores de luz, às vezes de som, o repórter entrevista, narra); visualização de locais de gravação, como o alto de prédios, em locais predefinidos por marcação, interiores (particularmente em entrevistas), ruas (com câmera na mão). É costumeiro, no material jornalístico analisado, que apareçam, ainda, as condições de produção da reportagem, incluindo a disputa com outros repórteres, enfrentamento da recusa de alguns entrevistados, obstáculos ao acesso (por exemplo, pessoas dentro de carros, com vidros fechados), dificuldades resultadas de entrevistas canceladas, espera por atendimento, espera para entrar ao vivo, problemas com equipamentos, conferência de anotações em papel, imagens sem foco, confusão das coletivas, modos de realização de entrevistas.

Por fim, em um terceiro grupo, ficou também visível a explicitação de situações próprias às deliberações do jornalista ao fazer a reportagem, como a visualização do trabalho em equipes, da interação entre os membros da equipe, pelo permanente contato entre âncoras e repórteres, conversa com equipe técnica de apoio¹⁹, conversa entre repórter e cinegrafista²⁰; deliberação (na hora, sobre qual imagem usar). São dados a ver, ainda, alguns procedimentos, como a recorrência a especialistas, a justificativa, pelo jornalismo, de não dar opinião, a divulgação de informações sobre a procura de pessoas que não quiseram falar, procedimentos referentes à relação com as fontes. Com menor frequência, são disponibilizadas informações sobre acesso a informações; gastos de uma cobertura; ação de outros campos sociais tendo em vista a mídia (entrevistas coletivas agendadas pelo campo policial, designação de um interlocutor para o relacionamento com a imprensa); ação da mídia com relação a outros campos (tentativas de obtenção de dados restritos, como laudos periciais); afetação das

¹⁹ É o caso de programas de variedades, isso não ocorre em telejornais.

²⁰ Em telejornais, só em entradas ao vivo.

pessoas pela mídia (acompanhamento noticioso das reações das pessoas em relação à cobertura); e a ampla tematização do debate público²¹.

Estes três grupos, que colocam em evidência aspectos de desvelamento das condições de produção na mídia, referem-se a um caso específico e, por isso, preservam características singulares. No entanto, a processualidade aí visibilizada é passível de inferências que dizem respeito ao telejornalismo cotidiano e seu *modus operandi*. Enredados neste conjunto, aparecem tanto o aspecto da complexa relação jornalismo e realidade (na TV associada a construções tensionadas entre noticiabilidade, dramatização, entretenimento), quanto um aprendizado, pelo público, acerca das práticas produtivas midiáticas. No “caso Isabella Nardoni”, popularizam-se discussões como a constituição de versões, a impossibilidade de espelhar a realidade, os dilemas da interação dos jornalistas com elementos do acontecimento, a discussão de mostrar ou intervir na realidade, a realidade como referente, as divergências dos campos sociais quanto às notícias divulgadas, e as próprias fragilidades jornalísticas e midiáticas diante da eminência de cobertura de um acontecimento que não possui nem julgamento e nem explicações imediatas e/ou de curto prazo.

Esta interpenetração mídia e sociedade, tensionada pela natureza de um episódio singular e bastante “perturbador” no contexto da ordem social vigente, age configurando uma co-determinação, ou uma co-referencialidade em que aparece, marcadamente, um movimento de circulação de sentidos, apoiado por técnicas e tecnologias (em movimentos regidos por operações e afetações), bem como por dimensões culturais e sociais.

Tomando o caso acima como exemplar, podemos dizer que trocas sobre a mídia e entre a mídia se ampliam nesta nova ambiência (GOMES, 2007). Há uma transversalidade entre os meios, uma intensificação das operações de contato, uma difusão da tecnointeração. Isso motiva intensos (e outros) fluxos de informação, maior produção de imagens – e, como consequência, uma discussão mais intensa sobre como se produzem as notícias, o entretenimento, os produtos culturais. Assim como os sentidos circulam, a discussão sobre a mídia também passa a circular. A recepção não termina no uso, mas continua na discussão crítica, na fala desinteressada, na tematização dos assuntos do dia-a-dia, que compõem o sistema social de resposta (BRAGA, 2006), (re)compondo o novo circuito midiático-social aí formado.

Neste sentido, quanto à televisão, o conhecimento que o público passa a ter dos produtos, pelos processos visualizados, potencializa, por exemplo, algumas modificações no comportamento da mídia. No caso particular do telejornalismo, a técnica dando-se a ver seja

²¹ Em pesquisa CNT/Sensus divulgada no Observatório da Imprensa no dia 30 de abril de 2008, 98,2% dos entrevistados afirmaram que estavam acompanhando a repercussão da morte de Isabella Nardoni, “um índice recorde desde que a pesquisa começou a ser realizada, há dez anos” (DINIZ, 2008).

talvez o aspecto mais visível da transformação do campo midiático pela midiaticização. É o atravessamento que mais claramente se manifesta entre as lógicas projetadas pela mídia (e pelas transformações das sociedades contemporâneas) e o jeito de se fazer mídia.

Ao analisar o modelo de jornalismo ocidental, Itânia Gomes afirma:

O (tele)jornalismo, em nossa perspectiva, é uma construção social, no sentido de que ele se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. A concepção de que o telejornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o que faz através das organizações jornalísticas é uma construção: é da ordem da cultura e não da natureza do jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas (GOMES, 2006, p.4).

Assim, tendo em conta que as transformações decorrentes da midiaticização como fenômeno social também agem sobre o jornalismo, verifica-se que estas transformações mobilizam-no como instituição social e forma cultural, no sentido de apropriar-se das inovações, produzir coisas novas, modificar técnicas e condutas, atualizando ou revitalizando padrões anteriormente estabelecidos.

Se do telejornalismo pode-se pensar práticas televisivas, e se destas pode-se pensar a midiaticização, vale ter em mente o quanto ambos funcionam como ponto de reflexão e de interseção em relação aos processos midiáticos, e apontam não somente para aquilo que os constitui mas, acima disso, para *como* isso acontece. É neste “funcionamento constituinte” que a técnica emerge como elemento importante para a compreensão das interpenetrações existentes entre mídia e sociedade, para o entendimento dos fluxos circulares que existem na interação e na atração que uma exerce sobre a outra. A midiaticização se dá a ver. Sua face, entretanto, vale lembrar, não é uma só.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Marcia Franz. *Lugares de Fala do Leitor no Diário Gaúcho*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papyrus, 2001.

BEHS, Micael. *Estratégias jornalísticas da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições 2006/2008: caso da Folha Universal*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – São Leopoldo, Unisinos, 2008.

- BRAGA, José Luiz. “Mediatização como processo interacional de referência”. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Davi; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta a sua mídia*. São Paulo: Paulos, 2006.
- CARLÓN, Mário. *Sobre lo televisivo*. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- DINIZ, Lilia. “Isabella e a espetacularização da dor”. In: *Observatório da Imprensa*. 30 de abril de 2008. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=483JDB013>. (Acesso em 22 de maio de 2008).
- ECO, Umberto. “Tevê: a transparência perdida”. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 182-204.
- FAUSTO NETO, Antonio. “Fragmentos de uma ‘analítica’ da mediatização”. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 1, p. 89-105, 2008.
- GOMES, Pedro G. *O processo de mediatização da sociedade*. Paper PPGCC. São Leopoldo, 2007. 7 f. (Mimeografado)
- GOMES, Itania Maria M. “Telejornalismo de Qualidade. Pressupostos teórico-metodológicos para análise”. *E-Compós*, Brasília, v. 6, p. 1-22, 2006.
- GOMES, Wilson da Silva. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- RAMONET, Ignácio. Capítulo I. In: _____. (ed.). *La post-televisión. Multimedia, Internet y globalización económica*. Barcelona: Icaria Editorial, 2002. p.7- 19.
- RECUERO, Raquel. “Estratégias de personalização e sites de redes sociais: um estudo de caso de apropriação do fotolog.com”. *Comunicação, mídia e consumo*, n. 12. São Paulo: --, 2008, p. 35-56.
- REZENDE, Guilherme. *Telejornalismo no Brasil*. São Paulo: Summus, 2001.
- ROSNAY, Joël de. Capítulo II. In: RAMONET, Ignácio (ed.). *La post-televisión. Multimedia, Internet y globalización económica*. Barcelona: Icaria Editorial, 2002. p.20-32.
- SILVEIRA, Fabrício. “Remediação e extensão tecnológicas do grafite”. *Galáxia*, n. 14. São Paulo, 2007, p. 95-110.
- SODRÉ, Muniz. “Eticidade, campo comunicacional e mediatização”. In: MORAES, Dênis. *Sociedade mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 19-31.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.